

O Céu e o inferno



Allan Kardec

PARTE I – Doutrina
CAPÍTULO I – O porvir e o nada

Índice

Assunto	Origem	Página
1. O porvir e o nada	O Céu e o inferno	03
Necessário adequar-se primeiro	O Consolador	08
No ano novo, a vida é nova?	O Consolador	10
Ensaio sobre a morte	O Consolador	12

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

Parte I – Doutrina

Capítulo I – O porvir e o nada

I - O porvir e o nada

1. Vivemos, pensamos e operamos — eis o que é positivo. E que morremos, não é menos certo. Mas, deixando a Terra, para onde vamos? Que seremos após a morte? Estaremos melhor ou pior? Existiremos ou não? Ser ou não ser, tal a alternativa. Para sempre ou para nunca mais; ou tudo ou nada: Viveremos eternamente, ou tudo se aniquilará de vez? É uma tese, essa, que se impõe.

Todo homem experimenta a necessidade de viver, de gozar, de amar e ser feliz. Dizei ao moribundo que ele viverá ainda; que a sua hora é retardada; dizei-lhe sobretudo que será mais feliz do que porventura o tenha sido, e o seu coração rejubilará.

Mas, de que serviriam essas aspirações de felicidade, se um leve sopro pudesse dissipá-las?

Haverá algo de mais desesperador do que esse pensamento da destruição absoluta? Afeições caras, inteligência, progresso, saber laboriosamente adquiridos, tudo despedaçado, tudo perdido! De nada nos serviria, portanto, qualquer esforço no sofreamento das paixões, de fadiga para nos ilustrarmos, de devotamento à causa do progresso, desde que de tudo isso nada aproveitássemos, predominando o pensamento de que amanhã mesmo, talvez, de nada nos serviria tudo isso. Se assim fora, a sorte do homem seria cem vezes pior que a do bruto, porque este vive inteiramente do presente na satisfação dos seus apetites materiais, sem aspiração para o futuro. Diz-nos uma secreta intuição, porém, que isso não é possível.

2. Pela crença em o nada, o homem concentra todos os seus pensamentos, forçosamente, na vida presente.

Logicamente não se explicaria a preocupação de um futuro que se não espera.

Esta preocupação exclusiva do presente conduz o homem a pensar em si, de preferência a tudo: é, pois, o mais poderoso estímulo ao egoísmo, e o incrédulo é conseqüente quando chega à seguinte conclusão: Gozemos enquanto aqui estamos; gozemos o mais possível, pois que conosco tudo se acaba; gozemos depressa, porque não sabemos quanto tempo existiremos.

Ainda conseqüente é esta outra conclusão, aliás mais grave para a sociedade: Gozemos apesar de tudo, gozemos de qualquer modo, cada qual por si; a felicidade neste mundo é do mais astuto.

E se o respeito humano contém a alguns seres, que freio haverá para os que nada temem?

Acreditam estes últimos que as leis humanas não atingem senão os ineptos e assim empregam todo o seu engenho no melhor meio de a elas se esquivarem.

Se há doutrina insensata e antissocial, é, seguramente, o niilismo que rompe os verdadeiros laços de solidariedade e fraternidade, em que se fundam as relações sociais.

3. Suponhamos que, por uma circunstância qualquer, todo um povo adquire a certeza de que em oito dias, num mês, ou num ano será aniquilado; que nem um só indivíduo lhe sobreviverá, como de sua existência não sobreviverá nem um só traço: Que fará esse povo condenado, aguardando o extermínio?

Trabalhará pela causa do seu progresso, da sua instrução? Entregar-se-á ao trabalho para viver? Respeitará os direitos, os bens, a vida do seu semelhante? Submeter-se-á a qualquer lei ou autoridade por mais legítima que seja, mesmo a paterna?

Haverá para ele, nessa emergência, qualquer dever?

Certo que não. Pois bem! O que se não dá coletivamente, a doutrina do niilismo realiza todos os dias isoladamente, individualmente.

E se as conseqüências não são desastrosas tanto quanto poderiam ser, é, em primeiro lugar, porque na maioria dos incrédulos há mais jactância que verdadeira incredulidade, mais dúvida que convicção — possuindo eles mais medo do nada do que pretendem aparentar — o qualificativo de espíritos fortes lisonjeia-lhes a vaidade e o amor-próprio; em segundo lugar, porque os incrédulos

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

absolutos se contam por ínfima minoria, e sentem a seu pesar os ascendentes da opinião contrária, mantidos por uma força material.

Torne-se, não obstante, absoluta a incredulidade da maioria, e a sociedade entrará em dissolução.

Eis ao que tende a propagação da doutrina niilista. (1)

Fossem, porém, quais fossem as suas conseqüências, uma vez que se impusesse como verdadeira, seria preciso aceitá-la, e nem sistemas contrários, nem a idéia dos males resultantes poderiam obstar-lhe a existência. Forçoso é dizer que, a despeito dos melhores esforços da religião, o cepticismo, a dúvida, a indiferença ganham terreno dia a dia.

(1) Um moço de dezoito anos, afetado de uma enfermidade do coração, foi declarado incurável. A Ciência havia dito: Pode morrer dentro de oito dias ou de dois anos, mas não irá além. Sabendo-o, o moço para logo abandonou os estudos e entregou-se a excessos de todo o gênero. Quando se lhe ponderava o perigo de uma vida desregrada, respondia: Que me importa, se não tenho mais de dois anos de vida? De que me serviria fatigar o espírito? Gozo o pouco que me resta e quero divertir-me até o fim. — Eis a conseqüência lógica do niilismo. Se este moço fora espírita, teria dito: A morte só destruirá o corpo, que deixarei como fato usado, mas o meu Espírito viverá. Serei na vida futura aquilo que eu próprio houver feito de mim nesta vida; do que nela puder adquirir em qualidades morais e intelectuais nada perderei, porque será outro tanto de ganho para o meu adiantamento; toda a imperfeição de que me livrar será um passo a mais para a felicidade. A minha felicidade ou infelicidade depende da utilidade ou inutilidade da presente existência. É portanto de meu interesse aproveitar o pouco tempo que me resta, e evitar tudo o que possa diminuir-me as forças. Qual destas doutrinas é preferível?

Mas, se a religião se mostra impotente para sustar a incredulidade, é que lhe falta alguma coisa na luta. Se por outro lado a religião se condenasse à imobilidade, estaria, em dado tempo, dissolvida.

O que lhe falta neste século de positivismo, em que se procura compreender antes de crer, é, sem dúvida, a sanção de suas doutrinas por fatos positivos, assim como a concordância das mesmas com os dados positivos da Ciência. Dizendo ela ser branco o que os fatos dizem ser negro, é preciso optar entre a evidência e a fé cega.

4. É nestas circunstâncias que o Espiritismo vem opor um dique à difusão da incredulidade, não somente pelo raciocínio, não somente pela perspectiva dos perigos que ela acarreta, mas pelos fatos materiais, tornando visíveis e tangíveis a alma e a vida futura.

Todos somos livres na escolha das nossas crenças; podemos crer em alguma coisa ou em nada crer, mas aqueles que procuram fazer prevalecer no espírito das massas, da juventude principalmente, a negação do futuro, apoiando-se na autoridade do seu saber e no ascendente da sua posição, semeiam na sociedade germens de perturbação e dissolução, incorrendo em grande responsabilidade.

5. Há uma doutrina que se defende da pecha de materialista porque admite a existência de um princípio inteligente fora da matéria: é a da absorção no Todo Universal.

Segundo esta doutrina, cada indivíduo assimila ao nascer uma parcela desse princípio, que constitui sua alma, e dá-lhe vida, inteligência e sentimento.

Pela morte, esta alma volta ao foco comum e perde-se no infinito, qual gota d'água no oceano.

Incontestavelmente esta doutrina é um passo adiantado sobre o puro materialismo, visto como admite alguma coisa, quando este nada admite. As conseqüências, porém, são exatamente as mesmas.

Ser o homem imerso em o nada ou no reservatório comum, é para ele a mesma coisa; aniquilado ou perdendo a sua individualidade, é como se não existisse; as relações sociais nem por isso deixam de romper-se, e para sempre.

O que lhe é essencial é a conservação do seu eu; sem este, que lhe importa ou não subsistir?

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

O futuro afigura-se-lhe sempre nulo, e a vida presente é a única coisa que o interessa e preocupa. Sob o ponto de vista das consequências morais, esta doutrina é, pois, tão insensata, tão desesperadora, tão subversiva como o materialismo propriamente dito.

6. Pode-se, além disso, fazer esta objeção: todas as gotas d'água, tomadas ao oceano se assemelham e possuem idênticas propriedades como partes de um mesmo todo; por que, pois, as almas tomadas ao grande oceano da inteligência universal tão pouco se assemelham? Por que o gênio e a estupidez, as mais sublimes virtudes e os vícios mais ignóbeis? Por que a bondade, a doçura, a mansuetude ao lado da maldade, da crueldade, da barbaria? Como podem ser tão diferentes entre si as partes de um mesmo todo homogêneo? Dir-se-á que é a educação que a modifica? Neste caso donde vêm as qualidades inatas, as inteligências precoces, os bons e maus instintos independentes de toda a educação e tantas vezes em desarmonia com o meio no qual se desenvolvem?

Não resta dúvida de que a educação modifica as qualidades intelectuais e morais da alma; mas aqui ocorre uma outra dificuldade: Quem dá a esta a educação para fazê-la progredir? Outras almas que por sua origem comum não devem ser mais adiantadas. Além disso, reentrando a alma no Todo Universal donde saiu, e havendo progredido durante a vida, leva-lhe um elemento mais perfeito. Daí se infere que esse Todo se encontraria, pela continuação, profundamente modificado e melhorado. Assim, como se explica saírem incessantemente desse Todo, almas ignorantes e perversas?

7. Nesta doutrina, a fonte universal de inteligência que abastece as almas humanas é independente da Divindade; não é precisamente o panteísmo.

O panteísmo propriamente dito considera o princípio universal de vida e de inteligência como constituindo a Divindade. Deus é concomitantemente Espírito e matéria; todos os seres, todos os corpos da Natureza compõem a Divindade, da qual são as moléculas e os elementos constitutivos; Deus é o conjunto de todas as inteligências reunidas; cada indivíduo, sendo uma parte do todo, é Deus ele próprio; nenhum ser superior e independente rege o conjunto; o Universo é uma imensa república sem chefe, ou antes, onde cada qual é chefe com poder absoluto.

8. A este sistema podem opor-se inumeráveis objeções, das quais são estas as principais: não se podendo conceber divindade sem infinita perfeição, pergunta-se como um todo perfeito pode ser formado de partes tão imperfeitas, tendo necessidade de progredir? Devendo cada parte ser submetida à lei do progresso, força é convir que o próprio Deus deve progredir; e se Ele progride constantemente, deveria ter sido, na origem dos tempos, muito imperfeito.

E como pôde um ser imperfeito, formado de idéias tão divergentes, conceber leis tão harmônicas, tão admiráveis de unidade, de sabedoria e providência quais as que regem o Universo? Se todas as almas são porções da Divindade, todos concorreram para as leis da Natureza; como sucede, pois, que elas murmurem sem cessar contra essas leis que são obra sua? Uma teoria não pode ser aceita como verdadeira senão com a cláusula de satisfazer a razão e dar conta de todos os fatos que abrange; se um só fato lhe trazer um desmentido, é que não contém a verdade, absoluta.

9. Sob o ponto de vista moral, as consequências são igualmente ilógicas. Em primeiro lugar é para as almas, tal como no sistema precedente, a absorção num todo e a perda da individualidade. Dado que se admita, consoante a opinião de alguns panteístas, que as almas conservem essa individualidade, Deus deixaria de ter vontade única para ser um composto de miríades de vontades divergentes. Além disso, sendo cada alma parte integrante da Divindade, deixa de ser dominada por um poder superior; não incorre em responsabilidade por seus atos bons ou maus; soberana, não tendo interesse algum na prática do bem, ela pode praticar o mal impunemente.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

10. Demais, estes sistemas não satisfazem nem a razão nem a aspiração humanas; deles decorrem dificuldades insuperáveis, pois são impotentes para resolver todas as questões de fato que suscitam. O homem tem, pois, três alternativas: o nada, a absorção ou a individualidade da alma antes e depois da morte.

É para esta última crença que a lógica nos impele irresistivelmente, crença que tem formado a base de todas as religiões desde que o mundo existe.

E se a lógica nos conduz à individualidade da alma, também nos aponta esta outra consequência: a sorte de cada alma deve depender das suas qualidades pessoais, pois seria irracional admitir que a alma atrasada do selvagem, como a do homem perverso, estivesse no nível da do sábio, do homem de bem. Segundo os princípios de justiça, as almas devem ter a responsabilidade dos seus atos, mas para haver essa responsabilidade, preciso é que elas sejam livres na escolha do bem e do mal; sem o livre-arbítrio há fatalidade, e com a fatalidade não coexistiria a responsabilidade.

11. Todas as religiões admitiram igualmente o princípio da felicidade ou infelicidade da alma após a morte, ou, por outra, as penas e gozos futuros, que se resumem na doutrina do céu e do inferno encontrada em toda parte.

No que elas diferem essencialmente, é quanto à natureza dessas penas e gozos, principalmente sobre as condições determinantes de umas e de outras.

Daí os pontos de fé contraditórios dando origem a cultos diferentes, e os deveres impostos por estes, consecutivamente, para honrar a Deus e alcançar por esse meio o céu, evitando o inferno.

12. Todas as religiões, houveram de ser em sua origem relativas ao grau de adiantamento moral e intelectual dos homens: estes, assaz materializados para compreenderem o mérito das coisas puramente espirituais, fizeram consistir a maior parte dos deveres religiosos no cumprimento de fórmulas exteriores.

Por muito tempo essas fórmulas lhes satisfizeram a razão; porém, mais tarde, porque se fizesse a luz em seu espírito, sentindo o vácuo dessas fórmulas, uma vez que a religião não o preenchia, abandonaram-na e tornaram-se filósofos.

13. Se a religião, apropriada em começo aos conhecimentos limitados do homem, tivesse acompanhado sempre o movimento progressivo do espírito humano, não haveria incrédulos, porque está na própria natureza do homem a necessidade de crer, e ele crerá desde que se lhe dê o pábulo espiritual de harmonia com as suas necessidades intelectuais.

O homem quer saber donde veio e para onde vai. Mostrando-se-lhe um fim que não corresponde às suas aspirações nem à idéia que ele faz de Deus, tampouco aos dados positivos que lhe fornece a Ciência; impondo-se-lhe, ademais, para atingir o seu desiderato, condições cuja utilidade sua razão contesta, ele tudo rejeita; o materialismo e o panteísmo parecem-lhe mais racionais, porque com eles ao menos se raciocina e se discute, falsamente embora. E há razão, porque antes raciocinar em falso do que não raciocinar absolutamente.

Apresente-se-lhe, porém, um futuro condicionalmente lógico, digno em tudo da grandeza, da justiça e da infinita bondade de Deus, e ele repudiará o materialismo e o panteísmo, cujo vácuo sente em seu foro íntimo, e que aceitará à falta de melhor crença.

O Espiritismo dá coisa melhor; eis por que é acolhido pressurosamente por todos os atormentados da dúvida, os que não encontram nem nas crenças nem nas filosofias vulgares o que procuram. O Espiritismo tem por si a lógica do raciocínio e a sanção dos fatos, e é por isso que inutilmente o têm combatido.

14. Instintivamente tem o homem a crença no futuro, mas não possuindo até agora nenhuma base certa para defini-lo, a sua imaginação fantasiou os sistemas que originaram a diversidade de crenças. A Doutrina Espírita sobre o futuro — não sendo uma obra de imaginação mais ou menos arquitetada engenhosamente, porém o resultado da observação de fatos materiais que se desdobram hoje à nossa vista — congraçar-se-á, como já está acontecendo, as opiniões divergentes

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

ou flutuantes e trará gradualmente, pela força das coisas, a unidade de crenças sobre esse ponto, não já baseada em simples hipótese, mas na certeza. A unificação feita relativamente à sorte futura das almas será o primeiro ponto de contacto dos diversos cultos, um passo imenso para a tolerância religiosa em primeiro lugar e, mais tarde, para a completa fusão.

Crônicas e Artigos

238 – 04/12/2011

O Consolador – (Rogério Coelho)

I. O porvir e o nada

Necessário adequar-se primeiro

De nada vale partirmos do Planeta, quando nossos males não foram exterminados convenientemente

“Amigo, como entraste aqui, não tendo o vestido nupcial?” – Mateus, 22:12.

A Doutrina Espírita leva-nos a cogitar das situações, presente/futura em um patamar que nenhuma outra filosofia ou religião consegue alcançar.

Traduzindo-nos a essência dos ensinamentos de Jesus, passamos a uma ordem superior de pensamentos, ensejando a valorização, dessa forma, de cada trecho de nossa longa caminhada evolutiva.

Ao trazer-nos a noção da Vida Futura, conforme os ensinamentos do Meigo Rabi, acenando-nos lá com uma felicidade que não temos aqui, mas que podemos começar a construir desde agora, não estimula o descoroçoamento para com as coisas da Terra. Embora apontem os Benfeitores Espirituais perspectivas de vida melhor em orbes superiores à Terra, não querem nos levar a frustrações e tristezas no presente por ainda não estarmos na situação dos que já mereceram tal galardão, por não termos ainda a “veste nupcial”.

Jesus foi muito claro: Não peço que os tires do mundo, mas que os livres do mal.

Aprendemos com Emmanuel: “Nos centros religiosos, há sempre grande número de criaturas preocupadas com a ideia da morte. Muitos companheiros não creem na paz, nem no amor, senão em planos diferentes da Terra. A maioria aguarda situações imaginárias e injustificáveis para quem nunca levou em linha de conta o esforço próprio.

O anseio de morrer para ser feliz é enfermidade do espírito. Orando ao Pai pelos discípulos, Jesus rogou para que não fossem retirados do mundo e, sim, libertos do mal. O mal, portanto, não é essencialmente do mundo, mas das criaturas que o habitam. A Terra, em si, sempre foi boa. De sua lama brotam lírios de delicado aroma; sua natureza maternal é repositório de maravilhosos milagres que se repetem todos os dias.

De nada vale partirmos do Planeta, quando nossos males não foram exterminados convenientemente. Em tais circunstâncias, assemelhamo-nos aos portadores humanos das chamadas moléstias incuráveis. Podemos trocar de residência, todavia, a mudança é quase nada se as feridas nos acompanham. Faz-se preciso, pois, embelezar o mundo e aprimorá-lo, combatendo o mal que está em nós.

Paulo de Tarso contemplou o Cristo ressuscitado, em Sua grandeza imperecível, mas foi obrigado a socorrer-se de Ananias para iniciar a tarefa redentora que lhe cabia junto aos homens.

Essa lição deveria ser bem aproveitada pelos companheiros que esperam ansiosamente a morte do corpo, suplicando transferência para os mundos superiores, tão-somente por haverem ouvido as maravilhosas descrições dos mensageiros divinos. Meditando o ensinamento, perguntam a si próprios o que fariam nas Esferas Mais Altas, se ainda não se apropriaram dos valores educativos que a Terra lhes pode oferecer. Mais razoável, pois, se levantem do passado e penetrem a luta edificante de cada dia, na Terra, porquanto, no trabalho sincero da cooperação fraternal, receberão de Jesus o esclarecimento acerca do que lhes convém fazer”.

Joanna de Ângelis complementa : “Não consideres instáveis estes tempos, ante o programa que estabeleceste para a tua autorrealização. Se não dispões de amor e coragem para sobrepô-los às circunstâncias de tempo e lugar, não estás edificando para o **porvir**.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

Seja qual for a tua idade cronológica, concede-te viver o encanto e a beleza próprios que lhe são inerentes, aplicando os teus recursos nas metas psicológicas e espirituais que deves atingir. A redescoberta do sentido da vida e da reumanização, é um avanço histórico na busca da maturidade psicológica, da tomada de consciência de si mesmo.

Jesus, consciente da missão que veio desempenhar na Terra, conclamou as massas à responsabilidade, aos elevados significados da vida, ao mesmo tempo buscou a identidade de cada discípulo, trabalhando pela sua humanização e insistindo na valorização dos conceitos éticos da existência, a fim de levá-lo a uma perfeita integração no programa libertador de si próprio, primeiro, e da sociedade, depois.

O Seu triunfo não foram o aplauso, a aceitação, a glória da mensagem, mas a cruz e o escárnio, ensinando que a consciência de si mesmo somente é conseguida quando o homem se imola nos madeiros das paixões, vencendo-as de pé com os braços abertos em atitude de fraternidade amorosa”.

Crônicas e Artigos

501 – 29/01/2017

O Consolador – (Rogério Miguez)

I. O porvir e o nada

No ano novo, a vida é nova?

Quando o final de mais um ano se aproxima, surge muita expectativa sobre o próximo, quando acreditamos tudo será diferente. (A) Começamos a sonhar, idealizando as coisas boas desejadas e não realizadas no período a se findar, entretanto, segundo o nosso entendimento, certamente no próximo ano se tornarão realidade. É de se esperar esta posição, nada a condenar.

Enchemo-nos de esperança, afinal, o que passou, passou, agora é olhar para frente com fé, e nada melhor do que um ano novinho em folha para nos insuflar a confiança.

Não há a menor dúvida sobre a propriedade do pensamento positivo, faz bem e é salutar, contudo, reflitamos: como esperar uma vida melhor se não construirmos os caminhos a nos conduzir para estes momentos de alegria, satisfação e de prazer em viver?

A natureza não dá saltos, ensina a Doutrina, e a nossa evolução também não se dá aos pulos. Tudo acontece gradativamente, em resposta direta aos nossos esforços em nos melhorarmos, se não fosse assim, algo estaria errado na providência divina, pois, por acaso, sem empenho e trabalho, poderíamos acordar melhores do que somos, ao longo de apenas uma noite, exatamente a noite da virada do ano: o espírita está muito bem informado sobre a inexistência do acaso.

Esclarece o Espiritismo ser necessário repetir testemunhos de aprendizado e renovação, dia após dia, em razão de ninguém evoluir em um dia apenas e para um dia somente. De modo a consolidar reais avanços em nossas virtudes e conhecimentos, deve haver trabalho e dedicação persistentes de nossa parte para com convicção esperarmos algo melhor do futuro. Por outro lado, não basta apenas pedir a Deus, é preciso dar sustentação ao pedido através de boas ações, continuamente, por largo tempo.

Tomemos como exemplo o querido Francisco Cândido Xavier. No livro No Mundo de Chico Xavier (1), Elias Barbosa fez um exercício matemático aproximado descortinando alguns números da vida do médium mineiro, após 40 anos de atividades mediúnicas, isto se deu em 1967. Chico teria participado de 6240 reuniões; haveria realizado 1.000.000 de contatos pessoais; totalizava 73.000 horas de serviço doutrinário, na base de cinco horas diárias, equivaleria a 8 anos, 12 dias e 10 horas de tempo integral de vida dedicado à Doutrina, entre outras muitas atividades, inclusive profissionais. É claro não se esperar obra de tamanho vulto de todos nós, Espíritos ainda muito acanhados e noviços na prática do bem, nada obstante, nos dão uma dimensão a ser atingida no futuro, do significado de trabalhar na seara bendita.

O ano novo se apresentará com novas oportunidades de aprendizado, é fato, pois a Divindade sempre nos proporciona novas chances de evolução, assim, não nos aprisionemos ao passado, somos imortais, nunca é tarde para recomeçar, aproveitemos, porquanto, outras portas se abrirão, avancemos, sejamos agora vitoriosos.

Confiemos em Deus, em razão de já haver sido dito: Ajuda-te e o céu te ajudará. E como nos ajudaremos? Trabalhando, nos esforçando, vigiando, orando, estudando; sem estes requisitos, jamais poderemos aguardar novos e iluminados horizontes, pois tudo fica como está, quando não promovemos mudanças.

Sabemos ser o tempo relativo, uma convenção, teremos todo o tempo que se fizer necessário para alcançar a relativa perfeição, contudo, quando não aproveitamos a oportunidade oferecida na vida atual, o cenário no futuro se modifica, e a nova ocasião favorável de aprendizado voltará, porém, seguramente modificada, normalmente mais limitada.

Quando for ano novo aqui, em outras regiões do mundo ainda é ano velho, e em outras partes já estão no ano novo faz algumas horas, então, por maior que seja a magia emprestada àquela badalada do sino soando à meia-noite do dia 31 de dezembro, observemos ser tudo relativo, nada se modificou no primeiro segundo do primeiro minuto da primeira hora do primeiro dia do ano que se inicia, tudo está como sempre esteve. A diferença aparecerá como resultado de nossa atitude ao longo deste novo ano.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

Alguns, mais “precavidos”, acreditam nos velhos costumes criados ao longo do tempo, assim, deliberam segui-los à risca, sob pena de, não os praticando, serem “amaldiçoados” no futuro, afinal, se não fizer bem, mal não faz, argumentam! Há muita superstição e fantasia, entre tantas, podemos elencar as seguintes:

- (a) Entrar o ano com o pé direito traz sorte e felicidade, todavia, para muitos é com o pé esquerdo;
- (b) Comer bolinho japonês;
- (c) Vestir-se de branco, afinal, a cor branca é a cor da paz; vestindo-se assim, certamente se encontrará a tão almejada pacificação interior;
- (d) Pular sete ondas, mas só se for de costas;
- (e) Tomar sopa de lentilha traz fartura à mesa;
- (f) Colocar uma nota de dinheiro dentro do sapato é garantia de mais riquezas ao longo do novo ano;
- (g) Fazer oferendas, usar fitas multicores no pulso, andar com patuás...

Nada disto tem qualquer valor, já tendo afirmado Emmanuel: **o melhor talismã é o bom coração**. Inventamos todo o tipo de esdrúxulas práticas e atitudes, em função de nossa significativa ignorância, visando viabilizar a presença da saúde, paz, fortuna e alegria em nossas existências, porém, esquecemos: Deus não se impressionará e jamais se sensibilizará com ações exteriores; toda transformação deve acontecer no nosso interior.

Outros ainda se deixam enganar pelos autointitulados bruxos, quiromantes, feiticeiros, magos, avidamente os procurando em suas tendas. Iludidos, assim o fazem, de modo a serem informados sobre o próprio futuro, cruzando os braços após as consultas, porquanto o porvir, segundo estes aproveitadores da fé pública, já estaria delineado. Quão distantes estamos de Deus para darmos crédito a supostas previsões realizadas pelos embusteiros de todos os tempos.

Ajuda menos quem tarde serve, sendo assim, sirvamos agora, a hora é esta, nem precisamos esperar o próximo ano, não deixemos para amanhã aquilo a ser feito agora.

Se realmente desejamos um ano novo repleto de alegrias, modifiquemo-nos para melhor, porquanto, ninguém poderá promover a nossa evolução, a não ser nós mesmos.

(A) O presente artigo foi escrito em dezembro de 2016.

Referência:

- (1) **Barbosa** Elias, No mundo de Chico Xavier, (cap. 6. Diálogo com Chico Xavier.)

Ensaio sobre a morte

“Quereis conhecer o segredo da morte. Mas como podereis descobri-lo se não o procurardes no coração da vida?

A coruja, cujos olhos, feitos para a noite, são velados ao dia, não pode descortinar o mistério da luz.

Se quereis realmente contemplar o espírito da morte, abri amplamente as portas de vosso coração ao corpo da vida.

Pois a vida e a morte são uma e a mesma coisa, como o rio e o mar são uma e a mesma coisa.

Na profundidade de vossas esperanças e aspirações dorme vosso silencioso conhecimento do além; e como sementes sonhando sob a neve, assim vosso coração sonha com a primavera.

Confiai nos sonhos, pois neles se ocultam as portas da eternidade.

Vosso temor da morte é semelhante ao temor do camponês quando comparece diante do rei, e este lhe estende a mão em sinal de consideração.

Não se regozija o camponês, apesar do seu temor, de receber as insígnias do rei?

Contudo, não está ele mais atento ao seu temor do que à distinção recebida?

Pois, que é morrer senão expor-se, desnudo, aos ventos e dissolver-se no sol?

E que é cessar de respirar senão libertar o hálito de suas marés agitadas, a fim de que se levante e se expanda e procure a Deus livremente?

É somente quando beberdes do rio do silêncio que podereis realmente cantar.

É somente quando atingirdes o cume da montanha que começareis a subir.

É quando a terra reivindicar vossos membros que podereis verdadeiramente dançar.” -

Gibran Khalil Gibran.

Chega um determinado momento da existência do ser humano que lhe parece não haver mais pressão psicológica do coração e do pensamento. Os sonhos são deixados de lado. As novas esperanças são empanadas pela idade madura. A vida parece estacionar.

Os filhos já estão mais ou menos encaminhados, já não se têm desafios naturais da vida familiar, as horas, semanas, meses e anos passam uniformes e indiferentes.

Esse quadro de apatia é comum em muitos de nós, que ainda não aprendemos a cultivar o tempo precioso no labor do bem individual e coletivo. E nas valiosas conquistas do Espírito.

Lendo a obra Obreiros da Vida Eterna, de André Luiz, ditada ao saudoso Chico Xavier, encontramos: “Nossos amigos da esfera carnal são ainda muito ignorantes para o trato com a morte. É por isso que, por enquanto, os mortos que entregam despojos aos solitários necrotérios da indigência são muito mais felizes”. (Obra citada, pág. 224.)

Tal assertiva provocou-nos grande impacto e fez com que refletíssemos.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

Estamos suficientemente educados para a morte?

A magna questão nos inquietava dia após dia. Concluímos que não, a despeito dos valorosos ensinamentos espíritas.

Por isso resolvemos contribuir, modestamente, com o pensamento espírita cristão através deste singelo ensaio.

Chegará o dia, inexorável, em que deixaremos o ninho planetário. Refletir sobre essa transição natural é de suma importância.

O que é a morte?

Deste modo, fizemos um recorte de algumas obras do Espiritismo e breves comentários acerca da temática que não se esgotam!

Ao contrário, fomentam o debate fraterno nos estudos sistematizados da doutrina espírita.

É necessário que o amigo leitor compreenda que não se encontram elencadas diretrizes jactanciosas com a presunção de ensinar um fenômeno que será ímpar para cada um de nós.

É importante saber o que está descrito ricamente na literatura espírita para que no momento da crise da morte não nos desesperemos.

Mas todas as nuances do momento dependerão do nosso modus vivendi enquanto ainda encarnados. A morte não é nenhuma mensageira de transformações. Cada um morre conforme vive.

Durante um largo período da história terrestre, a morte era considerada a cessação do funcionamento cardíaco e respiratório.

De fato, o cérebro sofre danos irreversíveis se privado de oxigênio por mais de quatro minutos.

Deste modo, na antiguidade, o critério utilizado era somente analisar essa função (a respiração) para constatar a morte de uma pessoa.

Com o advento científico-tecnológico, particularmente os aparelhos de ventilação mecânica, foi possível reverter um quadro de parada respiratória. De tal modo, que as pessoas que antes eram consideradas mortas, graças aos aparelhos e medicamentos, voltavam à vida orgânica.

A partir da década de 1960 tornou-se mais importante ainda estabelecer o momento da morte, visto ser exequível já naquele momento o transplante de órgãos.

A partir disso, as autoridades médicas do mundo estabeleceram que a morte orgânica ocorre quando há “perda completa e irreversível do tronco cerebral”. Ou seja, quando o órgão cerebral não mais apresenta atividades (que são detectadas por aparelhos específicos) tem-se a morte, ainda que os outros órgãos possam estar em pleno funcionamento.

Temor da morte

O preclaro Codificador da Doutrina Espírita, Allan Kardec, na obra O Céu e o Inferno teve ensejo de refletir e escrever sobre o temor da morte.

Ele inicia sua explicação asseverando-nos que é intuitiva a certeza da imortalidade da alma em todos os seres humanos, independente do contexto cultural em que se vive.

Do silvícola ao ser humano considerado mais civilizado, a crença da vida após a desagregação molecular é uma certeza inconteste.

A despeito dessa sentinela interior a cantar a imortalidade em nossas mentes e corações, ainda perdura o sentimento de temor ao fenômeno da morte. Por que isso ocorre?

Vejamos o que nos diz o egrégio Codificador na obra referida:

1. Efeito da sabedoria divina.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

Há em toda criatura, notadamente no ser humano, um instinto de conservação. Esse instinto é um efeito da sabedoria divina, porque tem por objetivo evitar que nos retiremos prematuramente da existência material. O fragor das lutas cotidianas, a sobrevivência, os “caprichos” da vida, o trabalho, a família e a esperança no porvir, entre outros fatores, dão sentido psicológico à existência terrestre e fazem com que não a abandonemos.

2. Noção insuficiente da Vida Futura.

Refletir e tentar compreender o porvir são de fundamental importância para aqueles que se dedicam aos estudos espíritas. Muitas vezes, realizamos uma leitura superficial dos fenômenos de desencarnação na literatura sem nos atentarmos para as entrelinhas. Um sem-número de vezes não conseguimos adestrar a nossa mente à verdade incontestável do Espírito imortal, porque damos mais valor às coisas que nos afetam as impressões sensoriais do que aos fatos espirituais que acompanham o ser humano desde que o primeiro homem habitou a Terra. Dar mais valor ao espírito é a meta do ser humano hodierno. Não se pode mais olvidar essa questão.

3. Educação.

Historicamente o ser humano tem recebido uma educação não muito confortadora a respeito do porvir. Foi-lhe apresentado um paraíso ocioso e entediante, calcado em uma beatitude contemplativa; um inferno eterno e repleto de torturas terríveis; um Deus punitivo, vingativo – entre outros fatos. Allan Kardec assevera ainda: “Os séculos sucedem-se aos séculos e não há para tais desgraçados sequer o lenitivo de uma esperança e, o que mais atroz é, em nada lhes aproveita o arrependimento. De outro lado, as almas combalidas e aflitas do purgatório aguardam a intercessão dos vivos que orarão ou farão orar por elas, sem nada fazerem de esforço próprio para progredirem”. (Obra citada, pág. 23.)

As práticas exteriores, o batismo para ser salvo, a “compra” de induções que servem de intermédio para gozos eternos etc. correspondem ao que nos foi passado historicamente. Trata-se de uma educação obtusa que nos castra a razão. E o menor raciocínio leva-nos a crer que não passamos de quatiúnculas da moralidade inferior do ser humano. Não se coadunam com a prática da caridade pelo indivíduo, com sua transformação moral, com sua contribuição para a edificação de um mundo melhor.

4. Apego aos bens materiais.

O apego aos bens materiais é um reflexo da histórica educação equivocada que temos recebido. Vivemos em um mundo “coisificado”. É mais atrativo ter coisas do que sermos pessoas melhores. Buscamos incessantemente a fortuna, os prazeres sensoriais, a graxa da comida pesada, o álcool etc. Damos valor a coisas tão insignificantes que, sob a nossa ótica errônea, é difícil delimitar a fronteira entre o supérfluo e o necessário.

Treino para a morte

O fenômeno da morte é encarado mais negativamente do que com esperança. As cerimônias que a envolvem são repletas de cenas tristes e que de certo modo causam pavor.

A ideia de perda rodeia-nos a todo o momento; porém, faz-se mister que essa lúgubre ideia desapareça. A perda não existe.

Mas apenas uma breve saudade que acabará tão logo chegue o momento do reencontro ensejado pela morte.

O capítulo “Treino para a morte” presente na obra Cartas e Crônicas, psicografada por Francisco Cândido Xavier, de autoria do Espírito Irmão X, é uma síntese da nossa conduta antes da grande viagem.

Primeiramente, o ínclito comentarista do Além se vê incapacitado para a tarefa de trazer algumas informações importantes para o nosso comportamento antes da desencarnação.

O Céu e o inferno – (Parte I – Capítulo I)

Porém, devido aos seus inúmeros textos de beleza incomum, somos inclinados a seguir as suas seguras orientações que apresentamos mais abaixo.

O que almeja Irmão X no texto mencionado é sugerir mudanças ainda cristalizadas em nós e que, de certa maneira, são obstáculos difíceis quando nos encontramos na erraticidade.

Diz-nos ele: “Comece a renovação de seus costumes pelo prato de cada dia.

Diminua gradativamente a volúpia de comer a carne dos animais.

O cemitério na barriga é um tormento, depois da grande transição. O lombo de porco ou o bife de vitela, temperados com sal e pimenta, não nos situam muito longe dos nossos antepassados, os tamoios e os caiapós, que se devoravam uns aos outros.

Os excitantes largamente ingeridos constituem outra perigosa obsessão”. (Obra citada, pág. 22.)

A temática sobre a ingestão ou não de carne já é velha conhecida daqueles que se dedicam aos estudos espiritualistas. Todas as nossas idiosincrasias são levadas conosco para o mundo espiritual. Refletir sobre a nossa alimentação e tentar modificá-la, tornando-a melhor, é uma tarefa que não podemos mais postergar.

Afirma com muita propriedade o Espírito Irmão X que nós devemos modificar a nossa alimentação paulatinamente.

Quando fazemos apontamentos sobre essa questão da alimentação carnívora em nossos estudos e/ou artigos publicados, recebemos as críticas dos confrades espíritas de que o importante é a transformação moral.

É óbvio que os valores morais têm prioridade! Nem discutimos tal questão, mas não podemos ignorar os ensinamentos e recomendações sobejamente divulgados pelos Espíritos benfeitores que fazem tais afirmativas para a nossa própria evolução e melhoria.